

A PESSOA E O SAGRADO

COMUNIDADE — PESSOA — IMPESSOAL

DIREITO — JUSTIÇA

“Tu não me interessas” é uma frase que nenhum homem pode dirigir a outro sem cometer uma crueldade e ofender a justiça.

“A tua pessoa não me interessa” é uma frase que pode ocorrer numa conversa afetuosa entre amigos próximos sem ferir o que há de mais delicado e melindroso na amizade.

Da mesma forma, podemos dizer sem nos rebaixarmos: “A minha pessoa não tem importância”, mas não: “Eu não tenho importância.”

Isto prova que o vocabulário da corrente de pensamento moderna conhecida como personalismo é

erróneo. E neste domínio, onde há um erro grave de vocabulário, é difícil que não haja também um erro grave de pensamento.

Há algo de sagrado em cada ser humano, mas não se trata da sua pessoa. Nem sequer da sua pessoa humana. Trata-se simplesmente dele, desse ser humano.

Eis na rua um transeunte que tem braços compridos, olhos azuis, um cérebro cheio de pensamentos que desconheço, mas que talvez sejam medíocres.

O que é sagrado para mim nele não é a sua pessoa, nem o que nele há de pessoa humana. É ele. Na sua inteireza. Os seus braços, os seus olhos, os seus pensamentos, tudo. Eu não atentaria contra nada disso sem infinitos escrúpulos.

Se o que houvesse nele de sagrado para mim fosse a pessoa humana, eu poderia facilmente arrancar-lhe os olhos. Uma vez cego, ele continuaria a ser uma pessoa humana, exatamente como antes. Eu não teria tocado de forma alguma na pessoa humana que há nele. Teria apenas destruído os seus olhos.

É impossível definir o que significa respeito pela pessoa humana. Não é apenas impossível defini-lo por palavras. O mesmo pode dizer-se a respeito de muitas noções claras. Mas esta em particular tam-

bém não pode ser concebida; não pode ser definida, delimitada por uma operação muda do pensamento.

Tomar como regra de moral pública uma noção impossível de definir ou de conceber é abrir caminho para toda a espécie de tirania.

A noção de direitos, lançada em todo o mundo em 1789, revelou-se, pela sua própria insuficiência interna, incapaz de desempenhar a função que lhe foi confiada.

A combinação de duas noções insuficientes, na expressão direitos humanos, não nos leva muito longe.

O que é que me impede especificamente de arrancar os olhos a esse homem, se tiver licença para tal e isso me divertir?

Embora ele seja sagrado para mim na sua totalidade, não o é em todos os sentidos, em todos os aspetos. Não é sagrado para mim enquanto alguém que por acaso tem braços compridos, olhos azuis ou pensamentos talvez medíocres. Nem, se for um duque, na medida em que é um duque. Nem, se for um farrapeiro, na medida em que é um farrapeiro. Nada disto iria reter a minha mão.

O que a reteria seria saber que, se alguém lhe arrancasse os olhos, a sua alma ficaria despedaçada pela ideia de alguém lhe ter feito mal.

Desde a infância até ao túmulo, e não obstante toda a experiência de crimes cometidos, sofridos e observados, no fundo do coração de cada ser humano há algo que espera, inevitavelmente, que lhe façam bem e não mal. É isso, acima de tudo, que é sagrado em cada ser humano.

O bem é a única fonte do sagrado. De sagrado só existe o bem e aquilo que lhe diz respeito.

Aquela parte profunda, infantil, do coração que espera sempre o bem não é que está em jogo nessa reivindicação. O rapazinho que vigia ciosamente se o seu irmão recebeu uma fatia de bolo um pouco maior que a sua está a ceder a um motivo vindo de uma parte bem mais superficial da alma. A palavra justiça tem dois significados muito diferentes, relacionados com cada uma destas partes da alma. O primeiro é o único que importa.

Sempre que das profundezas de um coração humano emerge o grito pueril, que o próprio Cristo não pôde conter, “Porque me fazem mal?”, há por certo injustiça. Porque se, como amiúde acontece, for apenas o resultado de um equívoco, então a injustiça consiste na insuficiência da explicação.

As pessoas que infligem os golpes que provocam este grito cedem a motivos diferentes, consoante o

temperamento ou a ocasião. Algumas extraem por vezes prazer desse grito. Muitas ignoram-no, não o ouvem. Porque se trata de um grito silencioso, que só ecoa no segredo do coração.

Estes dois estados de espírito estão mais próximos do que parece. O segundo não é mais que uma forma atenuada do primeiro; a sua ignorância é complacentemente cultivada, não só por ser lisonjeira, mas por ser também deleitosa. Os únicos limites aos nossos desejos são as necessidades materiais e a existência de outros seres humanos à nossa volta. Qualquer alargamento imaginário destes limites é deleitoso, e por isso existe deleite em tudo o que nos faz esquecer a realidade dos obstáculos. É por isso que convulsões como a guerra e a guerra civil, que esvaziam a existência humana da sua realidade e transformam os homens em marionetas, são tão inebriantes. É também por isso que a escravatura é tão agradável aos senhores.

Naqueles que sofreram demasiados golpes, como os escravos, aquela parte do coração que o mal infligido faz gritar de surpresa pode parecer morta. Mas nunca está completamente morta. Simplesmente, já não consegue gritar. Acomodou-se a um estado de gemido surdo e ininterrupto.